

O QUE ACONTECEU COM A ÍNDIA DA SERRA DAS FLECHAS?

A HISTÓRIA DA ÚLTIMA TAPUIA SELVAGEM DA PARAÍBA

Emanuel Cordeiro Rodrigues¹

Ian Victor Silva Cordeiro²

Orientador: Juvandi Souza Santos³



O QUE ACONTECEU COM A ÍNDIA DA SERRA DAS FLECHAS? A HISTÓRIA DA ÚLTIMA TAPUIA SELVAGEM DA PARAÍBA

Emanuel Cordeiro Rodrigues¹

Graduando de Licenciatura Plena em Geografia

Universidade Estadual da Paraíba- UEPB

Campus Campina Grande-PB

Emanuelcrv@hotmail.com

Ian Victor Silva Cordeiro²

Graduando de Licenciatura em História

Universidade Estadual da Paraíba- UEPB

Campus Campina Grande-PB

iancordeira1@gmail.com

Orientador: Juvandi Souza Santos³

Universidade Estadual da Paraíba- UEPB

Campus Campina Grande-PB

juvandi@terra.com.br

RESUMO

Este artigo é resultado de uma pesquisa sobre a “índia” capturada em 1974, na Serra das Flechas, em Pedra Lavrada-PB, e tem como objetivo decifrar os fatos que foram perdidos e que estão registrados incompletamente a seu respeito, especialmente, sobre o que ocorreu após seu pouco tempo de cativo, sob posse do então prefeito da época, ao fugir da cidade, em 1975. Obteve-se que, nesse período, a indígena passou a viver por alguns meses na mata (Caatinga), em um local de sentido oposto ao da Serra das Flechas, até ser recapturada por Gerson do Retiro, passando a viver, a partir disso, na casa da família dele - sendo este o maior período da sua vida em convívio com a “civilização” (1974-1981) -, até os dias de sua morte, em 1981. Nesta casa, compartilhou momentos com Maria Elisabeth, filha do seu algoz, que se tornou íntima da indígena. A partir de uma visita ao local, que está a 7 km noroeste da sede do município de Pedra Lavrada-PB, e por meio de uma entrevista com os familiares da mesma, os documentos, fotografias e fatos apresentados, quando comparados às teses já existentes na literatura, não deixaram dúvidas da sua veracidade

1 Discente, Departamento de Geografia – UEPB;

2 Discente, Departamento de História – UEPB;

3 Docente, Departamento de História - Laboratório de Arqueologia e Paleontologia/UEPB.

histórica. Trata-se da mesma indígena capturada na Serra das Flechas. No entanto, encontramos alguns fatos diferentes das informações registradas pelos historiadores, pois, a indígena, ao que parece, não é “indígena pura”, mas sim uma “indígena cafuza”. Ela tinha perfurações pelo corpo, dava nomes às pessoas em seu próprio dialeto e teve conversas gravadas enquanto era catequizada por um representante católico. Acometida de uma doença no sistema digestório, teve sua morte confirmada e registrada em 1981, no cartório da cidade de Parelhas-RN. Foi enterrada no cemitério público da cidade de Parelhas-RN, onde estão os seus restos mortais, que podem servir para futuras catalogações de DNA e constatar mais precisamente as origens da indígena.

Palavras-chave: Serra das Flechas; Tapuia; Pedra Lavrada.

ABSTRACT

This article is the result of research on “India” captured in 1974, in Serra das Flechas, in Pedra Lavrada-PB, and aims to decipher the facts that have been lost and that are incompletely recorded about it, especially about the which occurred after her little time in captivity, under the possession of the then mayor of the time, when she fled the city in 1975. It was obtained that, during this period, the indigenous woman lived for a few months in the forest (Caatinga), in a opposite the Serra das Flechas, until it was recaptured by Gerson do Retiro, and from then on, he lived in his family’s house - this being the biggest period of his life in contact with “civilization” (1974-1981) - until the days of his death in 1981. In this house, she shared moments with Maria Elisabeth, the daughter of her executioner, who became intimate with the indigenous woman. From a visit to the site, which is 7 km northwest of the headquarters of the municipality of Pedra Lavrada-PB, and through an interview with family members, the documents, photographs and facts presented, when compared to the existing theses in literature, they left no doubt of its historical veracity. It is the same indigenous captured in the Serra das Flechas. However, we found some facts different from the information recorded by historians, because the indigenous woman, it seems, is not a “pure indigenous”, but a “cafuza indigenous”. She had body piercings, gave names to people in her own dialect, and had recorded conversations while being catechized by a Catholic representative. Affected by a disease in the digestive system, her death was confirmed and registered in 1981, at the registry office in the city of Parelhas-RN. She was buried in the public cemetery of the city of Parelhas-RN, where her remains are, which can be used for future DNA cataloging and to verify more precisely the origins of the indigenous woman.

Keywords: Serra das Flechas; Tapuia; Pedra Lavrada.

1 INTRODUÇÃO

No dia 19 de julho de 1974, foi capturada, na Serra das Flechas, a provável última Tapuia “selvagem” encontrada na Paraíba (relatada nos contos populares como a Índia da Serra das Flechas), pelo agricultor Joca de Jenerina. Este é um fato inusitado para a arqueologia e a antropologia do Estado, visto que o fim dos relatos sobre os Tarairiú é datado ainda no século XVIII, oficialmente, em 1722. Além disso, possivelmente, ela não estava sozinha. Segundo o Jornal A União (2018, p. 25):

Há 44 anos – em 19 de julho de 1974 – a população de Pedra Lavrada, no Curimataú paraibano, a 180 Km de João Pessoa, amanheceu nas ruas, espantada com a

imagem de uma mulher vestida primitivamente com tiras de caroá. Ela chegava à área urbana escoltada por quatro caçadores. Era a 'índia Aparecida', assim batizada, por ser vista várias vezes num ermo da Serra das Flechas, ora furtando roçados, ora criações pequenas, como bodes, galinhas e perus, juntamente com dois irmãos, cujas aparências eram como a dela: pele escura, cabelos encarapinhados e estatura um pouco acima da mediana. Os 'antropólogos de esquina' especularam sobre a origem da mulher: índia? Não. Remanescente de um quilombo? Talvez. E, embora fosse vista eventualmente acompanhada, ninguém jamais localizou seus companheiros. Muitas especulações se perderam no tempo.

Como se sabe, a história da indígena foi dada como inconclusa, contada, muitas vezes, de forma resumida e indireta, da sua captura até sua suposta morte, em 1976. No entanto, esse recorte temporal que resume a passagem de um ícone para a história da cidade e da região incomodava por falta de registros que comprovassem os fatos. Após a fuga, o que se tem é a informação sobre sua morte, em 1976. Mas, cabe aqui a seguinte indagação: será que sua história se resume apenas a isso? Há relatos que defende uma suposta "devolução" à sua aldeia, ou que ela pode ter morrido dentro da mata.

No entanto, a teoria mais difundida é a de que ela caminhou até a cidade de Parelhas-RN e, após chegar a sua chegada, por estar fraca, morreu enquanto recebia os cuidados de um médico. E esse respeito, Santos (2009) diz que ela foi recapturada e morreu em Pedra Lavrada-PB, em 1976. Mas, o que realmente aconteceu com Maria Aparecida foi um misterioso fato, sem meio e sem fim, até agora. Nesse sentido, este artigo configura-se como um material inédito sobre o que aconteceu com a "Índia da Serra das Flechas" após fugir da cidade de Pedra Lavrada, no interior da Paraíba, no ano de 1975.

Com base nas informações de Manoel de Júlio e de Maria do Céu, Alves e Cabral (2019) citam que a indígena foi recapturada por "Gerson Olímpio"⁴, porém, as narrativas apresentam-se sempre incompletas. A partir do relato de um familiar de Gerson do Retiro, foi descoberto que a indígena, na verdade, após fugir de Pedra Lavrada-PB, viveu dentro da caatinga durante quatro meses, e após esse período, foi capturada no mesmo ano, mas, desta vez, por Gerson do Retiro, um senhor ex-combatente expedicionário na Segunda Guerra Mundial. Após sua captura, ela passou os últimos anos da sua vida, entre 1975 e 1981 (ano de sua morte), no sítio Retiro, localizado nos limites entre Pedra Lavrada-PB e Parelhas-RN, e conviveu com a família de Maria Elisabeth, filha do ex-combatente que teve experiências com a indígena, narradas em uma entrevista realizada no dia 28 de julho de 2019.

A princípio, o questionamento era saber se estávamos falando da mesma pessoa, no caso, a tapuia de Pedra Lavrada encontrada em 1974. De fato, todas as evidências apontam que sim, era a mesma pessoa, desde sua passividade para com os "civilizados" até detalhes minuciosos, como sua relativa cristandade, adquirida por meio de ensinamentos católicos enquanto primeira forma de domesticação e pela narrativa de que a indígena lembrava uma convivência com "Céu", que é a mesma denominação de Maria do Céu Gadelha Brito, senhora lavradense que cuidou dela enquanto viveu em Pedra Lavrada.

A fonte oficial da história é um artigo publicado no jornal O Diário da Borborema (1974), com o título de Índios de Pedra Lavrada. O artigo conduz a história até o primeiro ponto chave, que é:

Fala uma língua que ninguém entendeu nada, no entanto durante os três dias que ela permaneceu no meio dos civilizados dava sempre a entender que queria voltar

4 Todavia, foi afirmado que ela teria voltado para os cuidados do antigo prefeito. No entanto, essas informações eram desconhecidas pelos pesquisadores até o fim desta pesquisa.

para junto dos companheiros. Pensando em possíveis filhos daquela estranha mulher, o prefeito Manoel Rodrigues resolveu manda-la de volta e assim chegar aos outros índios (SANTOS, 2012, p. 158).

Há quem diga que essa “devolução” ocorreu não em três dias, mas sim após alguns meses – já no ano de 1975. Este destaque de uma “devolução” da índia para seu povo originário não tem fundamento. Tal informação é logo negada pelo próprio prefeito da época, o senhor Manuel Rodrigues. A índia Aparecida viveu alguns meses em Pedra Lavrada-PB, tendo morado em pelo menos três lugares: na casa do prefeito Manoel Júlio, na casa de Janeide Maria de Brito Costa e na casa da Sra. Maria do Céu, onde, provavelmente, passou mais tempo durante seu período na cidade.

Em outras obras variadas sobre arqueologia, vemos a história se repetir diversas vezes, mas sempre com muitas incertezas. “[...] Teriam esses supostos indígenas sucumbido às armas de fogo por violar a sagrada propriedade privada de um sistema tardio de coronelismo?” (BRITO, 2008, p. 113). A resposta para o fim dos outros membros da tribo que foram supostamente avistados ainda é incerta e totalmente sem fontes confiáveis. No entanto, o que está posto aqui sobre a índia Aparecida, a provável última Tarairiú, são relatos, fotos e documentos até então desconhecidos.

2 METODOLOGIA

Foi realizada uma visita aos locais por onde a índia passou depois da sua (re)captura, em 1975, nas terras onde ela viveu, nas “locas” onde ela morou e na casa da família Silva, localizada no sítio Retiro, limite entre em Parelhas RN e Pedra Lavrada-PB, na microrregião do Seridó Oriental Paraibano e Potiguar.

Foi realizada uma entrevista com Maria Elizabeth da Silva, mulher que conviveu com a índia desde o momento em que seu pai, Gerson, conhecido como Gerson do Retiro, capturou-a. A entrevista ocorreu no dia 28 de julho de 2019, e a entrevistada relatou sobre suas experiências e lembranças da sua convivência com Aparecida naquele mesmo local. Sendo assim, comparando as concordâncias e relatos, em harmonia com a cronologia do recorte, pesquisar a história a partir do relato oral, uma vez que há poucas fontes bibliográficas sobre o caso em questão (LAKATUS e MARCONI, 2003).

Também foi preciso uma releitura das obras que contaram a história da índia desde sua captura, em 1974, até sua fuga, em 1975, sendo esse o período que ela viveu na cidade de Pedra Lavrada-PB. Por isso, foram analisadas as respostas, documentos e fotos apresentados pela família da entrevistada e comparadas com os dados anteriormente descritos na história, para descartar e/ou confirmar as teses já levantadas sobre o que, de fato, ocorreu com Aparecida. Dessa forma, buscou-se criar novas hipóteses quanto às origens da indígena e tentou-se construir uma história-biografia dessa personalidade misteriosa e intrigante para a arqueologia, antropologia e história do local.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Sobre a fuga da indígena da cidade de Pedra Lavrada-PB, no ano de 1975, alegava-se que, no tempo do seu primeiro convívio neste local (1974-1975), ela morava na casa de uma mulher conhecida como “Céu” (Maria do Céu), mas que sentia medo do marido dela, pois ele bebia muito e ficava violento. Essa foi a razão da sua fuga, segundo os relatos. Alves e Cabral (2019, p. 247), ao questionarem Maria do Céu sobre a fuga

de Aparecida, defendem que este fato poderia estar associado à gravidez de Maria do Céu, o que a teria deixado enciumada, visto que ficaram próximas. Possivelmente, as duas suposições podem estar associadas, além de outros fatores. Isso mostra que a tese defendida de que ela teria fugido em busca da sua tribo e teria “se perdido” não tem lógica, pois a região para onde ela fugiu está em sentido oposto ao lugar onde ela foi capturada pela primeira vez, na Serra das Flechas (Figura 1).

FIGURA 1- DIREÇÃO DO DESLOCAMENTO DA INDÍGENA PELO TERRITÓRIO DO MUNICÍPIO DE PEDRA LAVRADA.



FONTE: RODRIGUES E CORDEIRO (2020).

No ano de 1975, após fugir da cidade de Pedra Lavrada (Figura 1), ela viveu dentro de uma terra conhecida como Maxinaré ou Mufumbo, localizado aproximadamente, 7 km da cidade de Pedra Lavrada-PB, mas ainda dentro do território lavradense. Este foi o tempo em que ela (Figura 2) ficou sem contato com outros humanos, sobrevivendo, então, próximo a um rio conhecido como “Riacho do Maxinaré”, onde podia encontrar água durante todo o ano nos chamados olhos d’água e poços naturais.

FIGURA 2 - A INDÍGENA POUCO TEMPO APÓS SUA CAPTURA, EM 1974. ESTE FOI O ÚNICO REGISTRO CONHECIDO E DIVULGADO PELOS JORNAIS (SENDO ESTA A FOTO ORIGINAL, DA COLEÇÃO DOS AUTORES).



CRÉDITO DA IMAGEM: ARIZALDO DE LIMA (2020).

Somente perceberam-na quando começaram a desconfiar das pegadas que ela deixava nos roçados de milho, quando descia de sua toca para buscar alimentos. Todos pensavam que se tratava de um homem, por isso, ficaram em alerta, possivelmente, para neutralizar a ameaça, pois, naquele período, era comum pessoas foragidas da justiça estarem dentro da mata. A indígena confeccionou duas moradas em “locas” relativamente próximas: uma no topo de uma serra, onde, possivelmente, ela observava o que ocorria nas proximidades, e a outra em uma baixada, na beira do rio, próximo das vazantes⁵ (Figuras 3 e 4)

5 Plantações de milho, feijão... Em redor de pequenos reservatórios de água chamados açudes.

FIGURA 3 - LOCA PRÓXIMA AO RIO ONDE A INDÍGENA DORMIA. PODE-SE PERCEBER UMA ENGENHARIA DE MADEIRA, UMA POSSÍVEL CAMA, CONHECIDA COMO “GIRAL”.



CRÉDITO DA IMAGEM: RODRIGUES E CORDEIRO (2020).

FIGURA 4 - LOCA NO TOPO DA SERRA DO BOQUEIRÃOZINHO. À DIREITA, PERTENCES DEIXADOS PELA INDÍGENA.



CRÉDITOS DAS IMAGENS: RODRIGUES E CORDEIRO (2020).

A primeira vez em que a indígena Aparecida foi vista ocorreu quando um morador do sítio vizinho a viu subindo uma serra com uma pequena porção de milho nas mãos, mas, até então, acreditava-se ser um homem. Porém, certo dia, quando um rapaz estava voltando de uma pescaria, deparou-se com uma pessoa de pele escura, abaixada, bebendo água no rio. Segundo relata Maria Elisabeth, quando os dois se viram, correram em direções opostas, com medo um do outro, e ao chegar em casa, ele relatou ter visto o homem que estava na serra. Ao passar dos dias, Gerson e um homem chamado Adonias prepararam-se para “caçar” aquele homem:

Quando foi bem numa sexta feira, papai foi mais Adonias, que morava ali no Mufumbo, aí foram atrás, aí papai quando chegou lá no Pó de Pedra [um açude], avistou ela, aí deu um tiro para cima, pensando que era um homem, que nesse tempo vivia muito com medo, aí papai atirou para cima, aí ela correu. Aí papai chegou lá na loca, aí viu, tinha comida, tinha as coisas. Aí papai esperou ela não chegou, meu pai veio em bora, e o compadre Adonias foi pra casa, no Mufumbo. Quando papai vinha descendo, ela ia voltando, aí papai desceu do cavalo e pegou ela, pegou a bagagem dela, era duas malas, aí trouxe ela (MARIA ELISABETH DA SILVA, 2019).

Ao que nos relata à entrevistada, o fato ocorreu entre o mês de junho a julho de 1975. Ela não ofereceu resistência alguma, a não ser o fato de ter corrido para sua loca quando ouviu o tiro de espingarda, e Gerson, ao chegar ao local onde ela estava, avistou alguns pertences e comida espalhados pelo chão. Mas, talvez, por saber que iria ser caçada mais uma vez, ela desceu a serra e foi ao encontro dos seus “caçadores”, resolvendo se entregar, e sem oferecer resistência⁶, caminhou por cerca de dois quilômetros acompanhada deles, que estavam a cavalo.

3.1 CONTATO COM OS OUTROS

Ao chegar à casa de Gerson, onde ficou até os últimos dias de sua vida, Aparecida foi motivo de espanto para as pessoas que estavam vendo aquela cena. Aquela pessoa que, até então, era motivo de medo, estava diante dos olhos de todos que moravam no sítio, mas, ao perceber que se tratava de uma mulher relativamente velha, eles se tranquilizaram. Neste momento, a indígena cumprimentou todos os presentes e pediu a bênção católica aos mais velhos. “A gente ficou com medo, a gente pensava que era um homem. Ela chegou abraçou a gente, tomou a benção a mamãe a minha avó que era idosa”, relata a entrevistada Maria Elisabeth da Silva.

Ela estava com um peso corporal “normal”, no entanto, chegou com muitos espinhos nos pés, que adquiriu enquanto corria na mata, além de muitos piolhos. Trazia duas bolsas, costuradas a próprio punho, contendo algumas roupas e outros pertences que ganhou na cidade. Dois meses após sua captura, já em setembro, foi levada para desfilar em um “carro aberto”, durante a então tradicional “Festa do Agricultor” da cidade de Parelhas-RN, a convite de membros da EMATER, “desfilou em cima de um carro aberto com roupa de índio: uma saínda de índio, um cocar, toda arrumadinha” relata a entrevistada.

3.2 COSTUMES E A CONVIVÊNCIA

Tinha dois furos no nariz e furos nos calcanhares, uma estatura mediana e o cabelo longo e cacheado. Estas são características que evidenciam as similaridades com os povos primitivos, como os Tarairius (Figura

⁶ Outro familiar relata que a mulher somente veio ao encontro dos caçadores por eles terem tomado suas bolsas que estavam na loca. É complementar e plausível essa hipótese.

5), e também as orelhas furadas, utilizava brincos que ganhou posteriormente. Seu cabelo, porém, ficava sempre escondido atrás de um pano em sua cabeça (Figura 6), um cabelo considerado muito bonito para Maria Elisabeth: “Ela tinha um cabelão bem bonito, o cabelo dela, era bonito”. Utilizava roupas comuns, e tinha a maestria de “remendar” com linha e agulha quando rasgadas.

FIGURA 5 - A DANÇA DOS TARAIRIUS (TTAPUIAS).



FONTE: ENCICLOPÉDIA ITAÚ CULTURAL DE ARTE E CULTURA BRASILEIRA (2019).

FIGURA 6 - A INDÍGENA APÓS ALGUM TEMPO VIVENDO NO SÍTIO RETIRO.



CRÉDITO DA IMAGEM: FOTO CEDIDA POR JECKSON SOUZA (2019)

Aparecida teve sua liberdade parcialmente preservada, podia transitar livremente pela mata durante o dia e, voluntariamente, voltava antes de anoitecer para dormir: “ela dormia aqui neste quarto com a minha avó, era livre aqui. Ia tomar banho nos tanques, sozinha lavava a roupa dela” (MARIA ELISABETH DA SILVA, 2019). Seu dialeto era desconhecido para as pessoas que conviviam com ela, a não ser algumas palavras em português que evidenciam sua perda/ganho cultural. Palavras como “A bênção”, “Maria”, “Menina”, “O Pai”, etc. Segundo a entrevistada, ela chamava algumas pessoas da casa, no que possivelmente era em seu próprio dialeto, da seguinte forma:

Ela chamava meu pai de: ‘O Pai’, mamãe ela chamava de ‘Fantífica’, minha avó ela chamava ‘Cavéa’, aí eu tenho uma irmã que mora na Itália, ela chamava ‘Assira’, tinha uma que mora em Nova Palmeira ela chamava ‘Maria’, a filha da minha irmã ela chamava ‘Peutina’, e a outra minha irmã que era bem ‘bunduda’ ela chamava ‘Menina Cuncum’, eu, ela chamava ‘A Menina Queíссо’ [risos], ela falava com a gente assim e a gente entendia (MARIA ELISABETH DA SILVA, 2019).

Dormia somente na rede, confeccionava “arapucas”, com quem caçava pássaros, principalmente o Cancão⁷. Não gostava de comidas com temperos nem salgadas. Quase tudo que comia era sem sal, retirava-o da carne que não era assada por ela. De acordo com a entrevistada, sua dieta consistia em basicamente feijão macassar ou “gordo”, carne de animais caçados e de gado, sopa, bolo e bolacha. Exceto para tomar sopa (ela utilizava a colher), não utilizava talheres (garfo, faca, colher) para comer, apenas amassava e comia o alimento. Tinha o costume de coletar caju e imbu (ou umbu), para “vender” a um homem que transportava pessoas para Parelhas-RN apenas para receber moedas em troca, não fazia nada a mais com elas além de juntá-las e enterrá-las em um saco, assim também com os presentes que ganhava das pessoas que, frequentemente, visitavam-na⁸.

Segundo Maria Elisabeth da Silva, por causa desse comércio, “Aparecida” cometeu o seu primeiro ato de violência:

Aí meu sobrinho pegou um dia, menino danado, roubou o caju e os imbu dela vender. Aí ela pegou o meu sobrinho pra dar uma pisa, aí meu sobrinho gritando por mamãe, aí mamãe foi acudir, ela segurou os dois assim, e ficou judiando, mamãe com meu sobrinho, quem socorreu foi papai. Papai passou um carão nela, ela chorou que foi muito. Mas ela ia dar uma pisa nos dois, meu pai falou sério, aí pronto, ela se intrigou com meu pai, se meu pai tivesse aqui, ela passava por lá. Depois desse carão, porque meu pai salvou minha mãe e meu sobrinho, da pisa que ela ia dar (MARIA ELISABETH DA SILVA, 2019).

Após isso, ela chorou bastante, em gritos muito altos. Ao que parece, ela chorava apenas por motivos de raiva, mas nunca se mostrou triste por outra razão, ao menos diante das pessoas.

Após almoçar, tinha o costume de lavar os pratos e dormir à sombra do alpendre sempre no chão. Durante a noite, ela dormia em um quarto junto a uma senhora, a quem ela chamava de “Cavéa”, sempre em uma rede, nunca dormiu em um colchão.

Sua relação com crianças era peculiar, segundo a entrevistada, após nascer o seu primeiro filho ela

7 Gralha-cancã. Pássaro muito comum em redor das casas da zona rural, onde há pouco movimento, conhecidos pelo seu canto sugestivo ao nome e por serem fáceis de capturar em armadilhas.

8 Essas moedas permanecem enterradas, junto com outros pertences, mas nunca foram encontradas.

ajudava a cuidar dele e brincava com a criança, porém ao segundo filho ela mudou seu comportamento com Maria Elisabeth e seu filho recém-nascido, tornando-se agressiva:

Depois eu casei, e meu filho mais velho ela chamava 'O Menino', ela se arrastava essa casa todinha mais ele de quatro pernas [...]. Mas quando eu tive Joquinha [o segundo filho] ela não queria que eu tivesse menino, ela se intrigou comigo e Joquinha, ela não olhava, ela passava por Joquinha assim [com a mão no rosto]. [...] Quando eu cheguei e fui dar um abraço nela, se não fosse meu pai ela tinha me derrubado, ela danou a mão em mim, por que ela não queria que eu tivesse [outro] menino. (MARIA ELISABETH DA SILVA, 2019.)

Aparentemente, a indígena tinha cerca de 60 anos de idade. Quando chegou no Retiro, tinha seus cabelos ainda pretos, mas logo ficaram brancos. Tinha hábitos de tomar banho constantemente, nadava muito bem, ao ponto de atravessar um açude, como fez. Fato relacionado também foi o salvamento que ela fez de uma criança que estava se afogando.

3.3 PERSONALIDADE

A indígena, durante o tempo que passou, não teve nenhum relacionamento íntimo nem demonstrava ter intensões. As mulheres da casa perguntavam se queria ter filhos, mas ela não gostava da ideia, aparentando “ter medo”, mas não se sabe ao certo o porquê. Este fato, associado à sua relação peculiar com crianças, sugere que existia um trauma relacionado à gestação. Talvez, não pudesse ter filhos.

Esse fato evidencia um caráter que ela já demonstrava durante sua estadia na casa de Maria do Céu, em Pedra Lavrada, como relatam Alves e Cabral (2019, p. 247), de que ela “[...] demonstrava não gostar muito de crianças, o que levou a Maria do Céu a cogitar que Aparecida não era ou nunca teria sido mãe”. A indígena também tinha o costume de mostrar os seios aos visitantes: “ela dizia que queria não, ela tinha medo [sobre filhos]. O interessante dela era que o bico do peito dela era para dentro, era bem pequenininho, mas era pra dentro. Ela mostrava a todo mundo que chegava aqui, ela mostrava, achava bonito mostrar⁹” (MARIA ELISABETH DA SILVA, 2019).

Aparecida era uma pessoa dócil, não demonstrava agressividade, exceto em poucos episódios, sempre em situações de estresse, mas nunca tentou fugir, relata a entrevistada, quando outra vez:

Não, nunca tentou fugir não. Por que um dia a minha irmã, que mora na Itália, abriu a bolsa dela, sabe? Ela tinha saído, e a gente queria olhar o que tinha dentro. Quando ela chegou, ficou braba. Ela ficou braba, ela ficou braba viu? Ela deu tanto grito, agora os gritos dela eram feios. Ela ficou braba mesmo, aí nessa noite a gente dormiu tudo aqui [na sala], aí mamãe botou aqui, a rede aqui. Aí minha mãe com medo dela fugir, botou ali na porta do corredor, mamãe botou umas latas e outras aqui (MARIA ELISABETH DA SILVA, 2019).

9 Um homem que morava vizinho ao sítio onde Aparecida vivia, certa vez, tentou um contato íntimo, pegando nos seios da mulher, no entanto, ela reagiu negativamente e contava a todas as pessoas que a visitavam o que ele havia feito.

A indígena tinha momentos de choro. Quando uma senhora de idade que dormia com ela já estava em idade avançada e com pouca memória, batia nela durante a noite, mas ela jamais revidava, passava a noite chorando e gritando, até que a família teve de muda Aparecida para outro quarto.

Apesar desses eventos, demonstrava ser uma pessoa feliz e que gostava de fazer o que estava fazendo para as pessoas da família com quem ela convivia. Isso pode ser observado na Figura 6, através da sua expressão facial: “-Ela gostava do que estava vivendo? – ‘Ela gostava. Ela dançava’. - Normal, como nós? – ‘Não, era bem engraçado’. Ela dançava fazendo movimentos diferentes, o que pareciam que estava ‘pulando’”.

Aparecida recebia muitos visitantes e ganhou muitos presentes, dentre eles: brincos, perfumes e dinheiro. Parecia gostar muito de ganhar esses presentes, e quase todos, ela enterrava. Inclusive, foi relatado pelos familiares que naquele período, foi realizada uma matéria em um jornal do Rio Grande do Norte em que ela foi o assunto de capa.

3.4 CATECISMO E CONVERSÃO

Constantemente, a índia “Aparecida” recebia a visita de um representante católico chamado Dom Adelino Dantas, natural de Carnaúba dos Dantas-RN, que veio, a princípio, atendendo ao convite da família. Fazia “estudos” semanalmente, mantinha conversas com ela em sua língua original e as registrava em um gravador de voz. Ele afirmou que ela era uma “cafuza”, mista de índio com “caboclo brabo”.

[...] Ele veio muito aqui, quando papai pegou ela, aí ele vinha, todo dia, toda semana ele estava aqui, que ele veio fazer estudo com ela sabe? Aí, ele disse que ela não era índia, ela era cafuza, ela era misturada com Índio e caboco brabo (MARIA ELISABETH DA SILVA, 2019).

Quando questionada, não falava sobre o resto de sua aldeia, apenas parecia citar uma irmã e sua mãe. Também não demonstrava culto algum, a não ser falar os dizeres católicos: “Pai, Filho e Espírito Santo” com a voz de quem acabara de aprender a pronunciar.

Insistia constantemente para ser batizada, pedido um vestido branco a uma mulher costureira, para utilizar na ocasião, mas, pouco tempo depois, adoeceu e foi batizada às pressas já no hospital.

3.5 DOENÇA E MORTE

Aparecida, até então, tinha uma boa saúde, mas, aos poucos, foi notado que ela estava parando de se alimentar, e em um dia, Maria Elisabeth a viu sentada em uma pedra, vomitando, um “vômito verde”. Quando ela chegou à casa pela primeira vez, bebeu leite por um certo tempo, depois, abandonou a prática e passou a não beber mais. Todavia, nesse período, ela pedia leite para as pessoas da casa e bebia. Ao comer carne, ia para o quarto onde dormia e vomitava com a cabeça na janela.

Quando notaram a doença, Gerson mandou chamar pessoas para avaliar seu estado de saúde (possivelmente, eram curandeiros, ou rezadeiras), que aconselharam-no levá-la a Parelhas-RN. Ela foi transportada em uma segunda-feira, de carro, até o hospital onde ficou internada. Em um estado muito debilitado, sua barriga crescia, e tomava leite por um canudo. Na Figura 7, podemos ver Aparecida no leito

do hospital.

Maria Elisabeth da Silva relata que a barriga dela cresceu muito, e quando tomava leite, no hospital, vomitava um líquido verde pelo mesmo canudo que se alimentava. Ela já estava sem forças. Durante sua enfermidade, Dom Adelino Dantas sempre ia ao hospital visitá-la.

Santos (2009, p. 330) nos diz sobre a morte de Aparecida que

Um fato digno de nota é o relato de uma índia ‘pega a laço’, no ano de 1974, no município de Pedra Lavrada, Paraíba. Essa, fazia parte de um pequeno grupo de seis ou sete indivíduos, que se infurnaram nas matas e não mais foram vistos. Ela, a índia, sobreviveu em cativeiro até o ano de 1976, quando faleceu.

Não se sabia o que, definitivamente, teria ocorrido com a indígena após sua fuga, em 1975, “ [...] não é possível constatar qual fora a doença e a causa mortis dela, bem como não é possível saber qual o fim dado ao seu corpo” (ALVES e CABRAL, 2019 p. 251).

Diferente do que fora relatado até então, a indígena que foi pega na Serra das Flechas faleceu no dia 22 de setembro de 1981 (terça-feira), às 13h00 horas. Morre como Maria Aparecida, nome que foi registrado em sua certidão de óbito (Figura 8). Registrada por morta, no 2º Cartório Judiciário Mário Gomes Oliveira Trindade, de Parelhas-RN. Alguns detalhes da certidão são: cor: Morena; Profissão: Domestica; **idade:** 55 anos; **causa mortis**, consta: “*Dost. Filtrólítico*”¹⁰. Esses detalhes de idade e profissão, assim como a naturalidade etc., obviamente, foram colocados por falta de informações precisas.

FIGURA 7 - A INDÍGENA NO HOSPITAL DR. JOSÉ AUGUSTO DANTAS, EM PARELHAS-RN, ONDE FICOU INTERNADA ENTRE AGOSTO E SETEMBRO DE 1981, QUANDO FALECEU.



CRÉDITO DA IMAGEM: FOTO CEDIDA POR JECKSON SOUZA EM 2019. IMAGEM DE 1981.

10 Não foi possível, até agora, constatar, de fato, de que “doença” se trata, mas, é possível afirmar que atingiu seu sistema digestório. O médico que tratou da indígena, segundo a entrevistada, é conhecido como “Doutor Antônio de Parelhas”, ainda vivo hoje.

Na fotografia da Figura 7, pode-se ver uma maior semelhança com a primeira foto de 1974, devido ao seu estado decaído pela doença, assim como quando vivia na Serra das Flechas. O seu cabelo foi cortado porque estava caindo constantemente.

FIGURA 8 - CERTIDÃO DE ÓBITO DA INDÍGENA APARECIDA.

Registro Civil das Pessoas Naturais

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL

2º Cartório Judiciário

Estado de Rio Grande do Norte
Município de Parelhas
Distrito de xxx

CERTIDÃO DE ÓBITO

CERTIFICO que as fls. 337 do livro n.º 0-02 de registro de ÓBITOS, sob o n.º 837 consta o assento de MARIA APARECIDA, falecida aos 22 de setembro de 1981 às 13:00 horas, em o Hospital Dr. José Augusto d'Alidade de sexo feminino de cor morena, profissão doméstica, natural de ignorada, domiciliado e residente em o sítio Retiro deste Município com 55 anos de idade, estado civil solteira, filho de Pais ignorados.

Foi declarante Gerson Ramos da Silva, sendo o atestado de óbito firmado pelo Dr. Anton Lo. Petronilo Dantas Filho, que deu como causa da morte Dent. Filtrolítico

sendo o sepultamento feito no cemitério de esta cidade

OBSERVAÇÕES: nenhuma

O referido é verdade e dou fé.

Parelhas, RN, 22 de setembro de 1981

Maria Gomes Oliveira da Trindade
Oncal do Registro Civil
Maria Gomes Oliveira da Trindade

CRÉDITO DA IMAGEM: FOTO CEDIDA POR JECKSON SOUZA EM 2019. DOCUMENTO DE 1981.

O seu velório ocorreu na Igreja Católica de Parelhas-RN, e durou pouco tempo. Ela foi enterrada por volta das 16h30 min, tendo um velório de apenas 3 horas, o que é explicado pela “tradição” da época, quando as pessoas eram enterradas rapidamente. Ela sangrava muito pelo nariz e pelos órgãos excretórios. O seu enterro foi no Cemitério Público de Parelhas e contou com a presença de seu “tutor” espiritual, Dom Adelino, sendo enterrada no túmulo da família de Maria Elisabeth, onde ainda hoje estão os seus restos mortais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Todas as evidências, como ter morado na casa de “Céu”, em Pedra Lavrada, deixam claro que ela era a mesma indígena que foi capturada na Serra das Flechas, pois ela viveu durante um tempo na casa de uma mulher chamada “Céu”, que foi designada por Manoel Rodrigues (então prefeito) para cuidar dela.

Nessa fase de sua vida entre a sociedade “civilizada”, ela já demonstrava um alto grau de adaptação ao modo de vida deles, visto que era um ambiente onde podia transitar pela mata, tinha uma alimentação regular e vivia bem nutrida. Diferente da cidade, onde tinha a presença de muitas pessoas e não contemplava o *habitat* em que estava acostumada. Todavia, o fato de estar longe da sua possível aldeia era a única

problemática que pode ser identificada, pois Aparecida falava da saudade de sua família - mãe e irmã.

A “Índia da Serra das Flechas” recebia constantemente a visita de um representante católico chamado Dom Adelino Dantas, da cidade de Carnaúba dos Dantas-RN, o qual afirmou que ela seria uma mestiça de índio com “caboco brabo”. Porém, não isso não foi constatado. Logo, não se sabe se era uma suposição dele ou se ela própria relatou sobre suas origens. Acredita-se que ela pode ter, de fato, descendência africana e indígena. Para isso se confirmar, deve-se encontrar as gravações em áudios e os registros escritos, mas, o fato de ambos conversarem, ao que parece, na mesma língua, evidencia que o tutor conhecia a sua descendência.

Tem-se, até agora, um fato surpreendente e que acredita-se estar próximo ao fim do dilema da arqueologia contemporânea: ela era indígena quilombola? Acredita-se que Aparecida não vinha de uma comunidade quilombola pelo fato seu nariz e seu calcanhar serem perfurados, características da cultura indígena. Também o fato da sua relação íntima com a natureza. A partir de uma análise genética de seus ossos que estão em Parelhas-RN, pode-se dar respostas conclusivas a esse fato, que foi um marco para Pedra Lavrada-PB e Parelhas-RN, bem como para a arqueologia.

A hipótese mais provável é a de que a indígena seja uma remanescente dos Tarairiú, o que é um marco importante a ser trazido para o campo científico, logo que, os Tapuia-Tarairiú foram quase totalmente dizimados por volta de 1722, durante a Guerra dos Bárbaros. Este material é um primeiro passo para desvendar essa história. Esta é uma pesquisa de longo prazo, com resultados significantes para projetos arqueológicos e antropológicos que enriquecem o espaço pesquisado, isto é, o Seridó Oriental, que é reconhecido por sua potencialidade histórica. Portanto, ainda serão procurados registros na cidade de Parelhas-RN, Carnaúba dos Dantas-RN e serão realizadas mais algumas entrevistas na cidade de Pedra Lavrada- PB, assim como uma possível comparação genética com seus restos mortais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Matusalém; CABRAL, Pedro Henrique dos Anjos. Entre Contato(S) e Estranhamento(S): o Caso da Índia das Flechas (1973). In.: SANTANA, Flávio Carreiro de; MONTEIRO, Luíra Freire (Orgs.). **Limites no horizonte do tempo: textos em história local**. João Pessoa: Ideia, 2019.

A UNIÃO. 125 anos - Patrimônio da Paraíba – **A União**. João Pessoa- Paraíba, 23 de setembro de 2018.

BRITO, Vanderley de. **Arqueologia na Borborema**. João Pessoa: JRC Editora, 2008.

DANÇA dos Tarairiú (Tapuias). In: **Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras**. São Paulo: Itaú Cultural, 2019. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra14525/danca-dos-tarairiu-tapuias>. Acesso em: 14 Nov. 2019

LAKATUS, Eva. Maria ; MARCONI, Mariana. de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

SANTOS, Juvandi de **Souza. Cariri e Tarairiú?** Culturas tapuais nos sertões da Paraíba. 2009. Tese de doutoramento (Programa de Pós-graduação em História). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUC/RS. Porto Alegre, 2009. 782 p.

_____. **Costumes indígenas no Brasil do pós-contato** – o grupo étnico/cultural Tarairiú dos sertões da Paraíba. Campina Grande: Copias & Papéis, 2012.

ENTREVISTADA

Sra. Maria Elisabeth da Silva.